

Juventudes na América Latina: educação, transformação, revolução em José Ingenieros

Eduardo Silveira Netto Nunes¹

Resumo: A quem caberiam os destinos da “jovem América Latina” em vias de modernização? Se o “velho mundo” está conflagrado em guerras fratricidas condensadas como primeira guerra mundial, a quem caberia “construir o futuro novo” para a “civilização”? Perguntas como essas e respostas a essas perguntas a história social e política na América Latina parecia capaz de fazê-las e respondê-las. Esse era o entendimento e compreensão do sociólogo José Ingenieros, idealista, socialista, positivista influente na Argentina e na América Latina nas décadas iniciais do século XX. Aqui percorremos o caminho que Ingenieros, através de sua obra “As forças morais: para a juventude da América Latina: desenvolver a justiça social no seio da nacionalidade continental”, delineou para as juventudes latino-americanas. Ingenieros construiu representações e associações entre a “jovem história” e a potência sociológica dos povos dessas nações para desenvolverem uma outra civilização que não uma mera continuidade da “velha europa”, do “velho mundo”, e, sobre essas representações e associações nos debruçamos, em tom ensaístico, para efetuar análise perquirindo seus significados e suas relações com transformações em curso na América Latina.

Palavras-chave: José Ingenieros; Juventude; América Latina; História; Educação

Resumen: ¿A quién tocaría conducir los destinos de la “joven América Latina” en los caminos de la modernización? Delante el “viejo mundo” conflagrado en guerras fratricidas sintetizadas en la primera guerra mundial, ¿a quién tocaría “construir el futuro nuevo” hacia la civilización? Preguntas como esas y respuestas a esas pregunta la historia social y política en la América Latina quedaba lista para hacerlas y contestarlas. Ese entendimiento y comprensión fue expresado por el sociólogo José Ingenieros, idealista, socialista, positivista e influente en Argentina y Latinoamérica en las décadas iniciales del siglo XX. Acá caminamos por la obra de Ingenieros “Las fuerzas morales” y sus reflexiones y orientaciones hacia las juventudes latinoamericanas. El sociólogo ítalo-argentino construyó representaciones y asociaciones entre la “joven historia” y la potencia sociológica de los pueblos de esas naciones para desarrollar una otra civilización que no una simples continuidad de la “vieja europa”, del “viejo mundo”, y, desde esas representaciones y asociaciones nosotros dedicamos, en tono ensayístico, nuestras miradas para hacer análisis en búsqueda de sus significados y sus relaciones con las transformaciones en curso en la latina América Latina.

Palabras-clave: José Ingenieros; Juventud; América Latina; Historia; Educación

Juventudes en América Latina: educación, transformación, revolución en José Ingenieros

¹ Professor Doutor da Universidade Federal do Acre, do Mestrado Profissional em Ensino de História (UFAC) e do Mestrado em Educação (UFAC). Pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da UFAC. Coordenador do Grupo de Trabalho de História da Infância e da Juventude, da Associação Nacional de História, Seção São Paulo. Membro da Red de Estudios de Historia de las Infancias en América Latina – REHIAL. Contato: edunettonunes@gmail.com

Nos últimos anos da década de 1910, precisamente em 1918, a cidade de Córdoba, Argentina, se defrontava com manifestações radicalizadas levadas adiante por setores da juventude estudantil, os estudantes da Universidade de Córdoba, os quais exigiam alterações significativas no sistema de funcionamento dessa tradicional instituição de ensino superior, suas ações ficaram conhecidas na história como a Reforma Universitária de 1918.

Suas reivindicações giravam em temas como: a alteração do sistema de contratação de docentes deixando de ser por indicação, por “hereditariedade”, e passando a ser por mérito e concurso; a democratização das instâncias decisórias da Universidade com a participação de estudantes em conselhos deliberativos; a eleição dos dirigentes com a participação dos alunos; livre escolha pelos estudantes das disciplinas que iriam cursar; a não obrigatoriedade de assistir as aulas dos catedráticos ou de professores incapazes; a modificação dos métodos e conteúdos das disciplinas; a abertura de estudos para áreas não dogmáticas do conhecimento².

Essa reforma teve importantes repercussões na Argentina, com consequências práticas, modificando a estrutura das Universidades e dando certa dinamização em suas atividades (ROMERO, 2006), além de expressar um protagonismo da juventude, objetivando participar da vida social ativamente. A difusão desse episódio atravessou fronteiras, circulou pelas mentes e ânimos da juventude universitária latino-americana como um exemplo de ação transformadora levada à termo a partir dos jovens, colaborando para a organização de outras manifestações em diferentes países como o Chile, Uruguai, México (que abrigou inclusive o Congresso Internacional dos Estudantes, em 1921), Peru, Cuba, Colômbia (MARIÁTEGUI, 2008).

O motor dessas ações vocalizadas entre os estudantes universitários, entretanto, não teve, digamos, origem exclusiva numa atitude isolada dos mesmos, pelo contrário, o ímpeto, a força, as proposições e as visões que pululavam em suas mentes estavam sendo disseminadas já a algum tempo na América Latina e, em especial, na Argentina.

A difusão do positivismo e do idealismo, a influência de pensadores como Darwin, Spencer, do socialismo, do anarquismo, entre outros, e a ativa circulação de idéias produzidas por intelectuais, políticos, ativistas (através de livros, artigos em revistas, panfletos), o engajamento destes mesmos personagens na vida social (participação em sociedades, grêmios, partidos, sindicatos, revistas, comitês cívicos), por mais contraditória que fossem as tendências, foi sendo desenvolvida na Argentina numa crescente desde as últimas décadas do

² Parte dessas reivindicações se encontram em: FEDERAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE CÓRDOBA, 2008.

século XX, opondo, de modo cada vez mais intenso, setores tradicionais de um lado, e do outro lado setores cosmopolitas (ROMERO, 2004) e progressistas (ZANETTI, 1995).

Um importante interlocutor, difusor e propagandista das ideias evolucionistas, positivistas e idealistas nos primeiros anos do século XX, na Argentina, foi José Ingenieros. Nascido na Itália, emigrou junto com seus familiares, para a América, ainda muito pequeno. Teve uma atuação ligada à medicina, à psicologia, e um ativismo publicista (HALE, 2001, p. 374) que se expressava em constantes publicações (OVIEDO, 1991, p. 57).

De modo especial, Ingenieros dedicou muitas linhas de seus textos convocando a juventude à ação, à realização de sua função no caminho da “evolução”, do “progresso social”, tendo sido considerado até mesmo como o “maior teórico do movimento” da reforma universitária (HALE, 2001, p. 395)³.

Parte dessa influência adveio de livros escritos por Ingenieros como “Sociología Argentina (1910), El hombre mediocre (1913), Formación de una raza argentina (1915)” (BELLA, 2005, p. 341), além de colaborações e textos dirigidos aos universitários e publicados com o apoio destes, um segmento destes textos foi condensado no livro “Las Fuerzas Morales: a la juventud de la América Latina (1925)” (BELLA, 2005), no qual incita a juventude latino-americana a ocupar a sua função na “evolução” da humanidade, qual seja, a de provocar e realizar o movimento de impulsão do motor progressivo da história rumo à uma determinada noção de “perfectibilização”, na qual a rebeldia e a revolução, o desejo de se sobrepor à tradição, seriam alguns dos princípios da condição de se ser jovem.

Na seqüência analisamos alguns elementos estruturais do livro “Las Fuerzas Morales”, em sua tradução para o português no Brasil, em 1928 (INGENIEROS, 1928?), bem como sua possível influência, através de idéias, nas circunstâncias estimuladoras dos movimentos de Reforma Universitária na América Latina e na Argentina.

Deve ser esclarecido que mesmo tendo sido publicado depois da revolta dos estudantes de Córdoba, pois esta se realizou em 1918, e o livro foi publicado apenas em 1925, se deve depreender que parte dos textos que compõem “Las Fuerzas Morales” já transitavam nas mãos da juventude naquela época em outros materiais que não um livro, até porque o mesmo é resultado de uma compilação de textos veiculados anteriormente.

O argumento fundamental de Ingenieros em “As Forças Morais” é o de que a juventude (como categoria sociológica permanente na história da humanidade, ou seja,

³ Para uma conhecer, rapidamente, um pouco a trajetória de José Ingenieros, conferir o portal “Diccionario biográfico de las izquierdas latinoamericanas. Movimientos sociales y corrientes políticas”, do Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas (TARCUS, 2020).

sempre haveria, numa dada época, contingentes sociais que não serão nem velhos, nem crianças, mas sim jovens), inevitavelmente, atua sobre a sua realidade para fins de adaptá-la à novas exigências da vida social, tecnológica, econômica, política. Dessa forma, ela se confronta com forças tradicionais, superando-as e realizando transformações perfectibilizadoras da humanidade. Fazendo isso a juventude de uma dada época ou geração teria cumprido com suas “funções naturais”, com seu “dever” com a pátria, com a nação, com o mundo, chegando a um estágio de “perfeição” adequado àquela época, mas que estaria já pronta para ser modificada pelos novos jovens da geração subsequente.

Assim, a perfeição não seria um destino com um fim único, determinado, mas sim um processo eterno da humanidade e das sociedades rumo ao seu permanente aperfeiçoamento e adaptação.

A juventude, entretanto, não seria uma condição estritamente ligada à idade, seria muito mais uma postura ontológica sobre a vida concreta caracterizada por atitudes abertas à transformação, à ruptura com tradições, à revolta contra o *status quo*, isso porque “a juventude finda quando se apaga o entusiasmo: não há maior privilégio do que conservá-lo até a mais avançada idade viril; é dom de poucos e parece milagre por parte de quem consegue entesourá-lo até a ancianidade (p.26)”⁴.

Contrariamente a essa força motriz do progresso atribuída à juventude existiria uma força “imoral”, inerte, defeituosa aos desígnios da evolução: a tradição, a velhice, a senilidade, a mediocridade. O homem medíocre, velho, idoso não se caracterizaria exclusivamente pela idade, mas pela sua conduta contrária à perfectibilidade, pela sua oposição à mudança, isso porque “a passividade, nos jovens, é indício de prematuro envelhecimento (INGENIEROS, [1928 ?], p.87)”.

Se à juventude Ingenieros projetava a virtude, à velhice ele denunciava toda a sorte de impropérios, desqualificativos, condutas inadequadas, desvios morais. Um vocabulário e adjetivações profícuas foram utilizadas por esse autor para identificar caracteres “típicos” e “identitários” dos indivíduos atuantes contra a “evolução da humanidade”. Mencionamos a título meramente ilustrativo alguns destes termos: “mansos, ignorantes, parasita da sociedade (p.38), escórias, pessimistas, fracassados, anti-sociais (p.47), velhas carcomas (p.55), inúteis os tímidos, quietistas (p.60), domesticados (p.64), vencidos (p.74), parasitas (p.75), mediocridades (p.82), néscios (p.83), falsário (p.109), covarde (p.111), ineptos (p.134)”.

⁴ A citação no corpo do texto do número de páginas, de agora em diante, refere-se à obra de José Ingenieros, já citada, “As Forças Morais” (INGENIEROS, 1928?). Outras citações ou referências serão adotadas no formato padrão.

A velhice, quando ela for de idade, deverá ser “respeitável apenas pela quantidade de juventude que a precedeu; cada nova geração deve amar os velhos que, em seu tempo, souberam ser moços (p.141)” isso porque pode-se ser “velho” ainda que em tenra idade.

Ao lado dessas duas configurações sociológicas, a juventude e a velhice, concebidas dentro de uma percepção evolutiva, necessária e ideal das relações humanas, o autor procura ressaltar que, mesmo sendo uma consequência obrigatória o progresso permanente, apesar das forças tradicionais e contrárias, “o progresso não resulta do querer das massas quase sempre conformistas, mas do esforço de grupos ilustrados que as orientam (p.141)”.

Apesar de se atribuir a uns poucos a possibilidade de se atingir a “vanguarda” louvável e distinta, às prédicas do autor se destinam à juventude de modo geral, conclamando a todos a encarar suas vidas como confrontação idealizada e permanente para produzir o novo, uma nova ordem, uma nova forma mais adaptada à sociedade, à América Latina e ao seu estágio de desenvolvimento.

O caminho para se atingir essa altivez distinta, entretanto, não era claramente definida por Ingenieros, uma vez que seu “programa idealizado” prescrevia uma quantidade inumerável de condutas consideradas adequadas aos “jovens” para que estes fossem propriamente jovens. Esperava-se da juventude, no caminho de sua existência digna, características e posturas como as seguintes: rebeldia; revolucionário; progressista; só falar a verdade; ser incansável na busca do ideal; não viver o presente, viver sim o devir e o futuro; aprender a pensar; não ser medíocre nem burocrata parasita; não ser senil; ter energia para se contrapor às forças imorais (tradicionais, imóveis, passadistas). Ser jovem, nessa perspectiva, era viver em estado de alerta constante, de excitação permanente, de autocontrole das pulsões cotidianamente, pois o risco de perder a sua condição de dignidade era permanente e, para que isso não acontecesse, devia-se estar atento e convencido de que o seu caminho, apesar de difícil, atuaria no “engrandecimento moral dos povos (p.30)”!

Os imperativos enunciados pelo autor são permanentes e indicam obrigações morais da juventude, dividindo a humanidade em duas: a digna, atuante em favor do progresso; a indigna, tradicionalista. Um exemplo disso é a seguinte sentença: “Os jovens que não sabem olhar o porvir e trabalhar para ele, são miseráveis lacaios do Passado e vivem asfixiando-se entre seus escombros.” (p.31).

Um programa aberto para o futuro, construído na atuação retilínea dos jovens contra os elementos limitadores da transformação e do aperfeiçoamento. O tom entusiasta, estimulante e provocativo procura induzir a incorporação do ímpeto enérgico e pró-ativo pela

juventude. Como podemos observar nesses trechos: “Uma geração, para poder afirmar que viveu, deve deixar à que virá mais do que tenha recebido da precedente; não merecem colher os frutos de hoje os que não semearam a semente de amanhã.” (p.147).

Esse aspecto enérgico e ativo é difundido pelo autor como o fator de propulsão do que ele entendia como evolução humana, sendo responsabilidade da juventude de cada geração concretizar sua potência contínua para a transformação, isso porque: “Vive-se em contínuo porvir; quem no presente vivesse do passado, teria deixado de viver. Toda ação atual constituiria energia perdida para a sociedade, desde que não tendesse para finalidades vindouras. Vive-se num contínuo futuro (p.146, 147)”.

Ao lado desses três elementos fundamentais no texto de Ingenieros (a juventude, a energia renovadora do progresso, a velhice tradicional), o autor considera que a própria estética, ou como ele chama, o “estilo”, para ser “perfeita” deve conter em si uma adequação entre o pensamento e o seu modo de expressão, sendo que “cada característica intelectual de um povo ou de uma época” têm sua forma adequada de ganhar manifestação, desta forma aos “homens originais” é exigido que procurem “a estrutura formal que fielmente as intérprete renovando a técnica de expressão (p.89)”.

Ingenieros se considerava “jovem”, inovador e progressista, como consequência tentou produzir uma estrutura expressiva no seu “As Forças Morais” que desse conta de condensar suas idéias dentro de um “estilo”. Para isso definiu como estrutura do seu texto um esquema básico de apresentação dos argumentos. Todos os “sermões laicos”, como os chamou na apresentação do livro, foram escritos dentro de onze pequenos itens (capítulos) assim divididos: 1) Juventude; Entusiasmo; Energia; 2) Vontade; Iniciativa; Trabalho. 3) Simpatia; Justiça; Solidariedade; 4) Ansiedade; Rebelia; Perfeição; 5) Firmeza; Dignidade; Dever; 6) Mérito; Tempo; Estilo; 7) Bondade; Moral; Religião; 8) Verdade; Ciência; Ideal; 9) Educação; Escola; Professor; 10) História; Progresso; Futuro; 11) Berço; Nação; Humanidade.

Esses itens poderiam ser divididos tematicamente pelos argumentos que estão condensados em si, dessa forma teríamos cinco eixos nos quais o autor privilegiou e enfatizou suas idéias, seriam eles: 1) fatores propulsores da história e da sua permanente renovação, correspondente aos itens “1, 2, 4”; 2) formas idealizadas de como se deveria atuar e movimentar a fim de se conquistar a evolução, dentro desse aspecto incluem-se os itens “3, 6, 5, 7, 8”; 3) formas sociais e históricas de se conquistar o avanço como a escolarização, a educação, a formação, aqui se enquadra o item “9”; 4) concepções de tempo, história, futuro,

encontrada no item “10”; 5) visão entusiástica do novo mundo, da América Latina, em contraposição ao velho mundo, e de suas possibilidades de, no futuro, se atingir estágios de evolução e progresso superiores ao velho mundo “11”.

A estratégia narrativa da exposição do texto foi balizada pela ideia de se decompor em cada um dos tópicos dos capítulos, sub-divisões, sempre em número de três, dentro das quais a argumentação seria efetivamente realizada. Essas sub-divisões obedeceram a uma estrutura típica compreendendo o seguinte esquema: 1ª subdivisão – apresentação de uma idéia geral e aplicada em circunstâncias hipotéticas envolvendo o tópico em questão, sinalizando como a juventude poderia se adequar à lógica idealizada da evolução, e quais os benefícios de se ser um verdadeiro jovem naquele tema; 2ª subdivisão – demonstração, em situações imaginadas relacionadas ao tema do tópico, da forma degradante e negativa de como seria a condição de um sujeito tradicionalista, “velho”, que se colocasse contra a “juventude”, contra o progresso, ou seja, a construção de uma representação, manifesta com exemplificações relacionadas ao tema do tópico, completamente negativa, degradante, indesejada, “mediocre” e contrária àquela ação tida por ideal; 3ª subdivisão – apresentação das conseqüências benéficas de se atuar conforme o idealização proposta ao tema do tópico para o indivíduo jovem e para o progresso da humanidade, enfatizando-se que para se atingir o “status” heróico de ser considerado jovem e merecer receber distinção no plano dos humanos deveria seguir as prescrições em favor da evolução, da rebeldia e da força moral.

Em síntese, esses três eixos narrativos construídos, nem sempre de modo tão preciso e separado um do outro, estando muitas vezes misturados, apesar de se poder verificar sim uma estrutura textual na qual sucessivamente se abordava o “Como se pode ser o jovem ideal”, depois o “Como se pode ser medíocre se não se tomar cuidado e não se assumir o ímpeto jovem”, e, por fim, “Quem existir e agir como jovem beneficiar-se-á de inúmeros triunfos morais, da dignidade, da condição de ter sido servidor e construtor do futuro, da evolução, do progresso, enfim, será alguém”.

O que se faz comum em todas as argumentações expostas ao longo do livro é o seu tom incisivo, persuasivo, enfático, eloqüente, recorrendo-se com uma frequência muito grande à redundância e à repetição de termos e idéias. É também muito profícuo na apresentação de adjetivos e substantivações sejam positivas à juventude, sejam negativas à senilidade, sejam enaltecedoras da evolução. Parecendo verdadeiros ensinamentos morais proferidos por um sábio ilustrado, convencido de se ser um iluminado por ter uma pretensa consciência dos ritmos e das formas propulsoras para se chegar ao progresso.

O nível de idealização de seus sermões é exacerbado, bem como a abstração da realidade (não sendo entretanto metafísico) da qual ele procura se aproximar empiricamente através de exemplos pontuais, casuísticos e instrumentais. Esses exemplos, geralmente de situações imprecisas, genéricas e hipotéticas, aparecem transpostos a cada um dos itens tratados no “A Força Moral”, objetivando contribuir na aceitação e adesão dos leitores às idéias do autor. Menções à história concreta, vivida no tempo, nem sempre é possível de se perceber.

Isso remete a um outro aspecto predominante no livro, a ocorrência do encadeamento dos assuntos que se desenvolvem num tempo a-histórico, atemporal, além do já mencionado plano ideal. Ingenieros tenciona escrever num não-tempo, numa não-data, escreve no plano das idéias, da estética, do estilo, um plano que, para ele, não tem assento no tempo encarnado, mas sim no “tempo das idéias”, dos “espíritos”.

Se essa impressão fica ao longo do desenvolvimento do livro, o autor, entretanto, afirma que a trama dos acontecimentos, conflitos e transformações se desenrola sim na história, no tempo, mas numa temporalidade concebida em progresso contínuo, em evolução. Diz-nos ele: “Nada existe de estável, imóvel ou eterno na vida humana. Todo ponto do passado representa reunião de homens que pretenderam demolir, transformar ou construir, inspirando-se em ideais e paixões que formam a movediça trama da história viva (p.136)”. De modo explícito Ingenieros apresenta questões contemporâneas a sua vida, as mesmas lhe servem até para diagnosticar quais os passos de evolução que deveriam ser dados na Argentina e de modo especial na América Latina.

Nesse sentido, Ingenieros concebia a América Latina como estando pronta para evoluir em ritmo veloz, trazendo o progresso para a humanidade, justamente pelo fato dela ainda ser “jovem”, de ter a possibilidade de “rebelar-se” contra a tradição, contra o “velho”, contra o velho mundo isso porque “os velhos são particularmente refratários a toda novidade, como as velhas castas o são na sociedade e os países antigos no mundo (p.143)”, complementa escrevendo que, “Os países velhos, como os homens, vangloriam-se do seu passado, desdenhando os que, por serem novos, parecem nada ser no presente, embora possam vir a ser tudo no futuro (p.149)”.

O novo mundo, para ele, colocava-se aberto às transformações evolutivas inconcebíveis em outro local, pois estava em um estágio de seu progresso de plena ebulição: “Todas as vantagens estão a favor dos países novos, das raças em formação, das culturas

incipientes (p.150)”. Mas alguns passos deveriam ser dados na direção de se conseguir elevar a América Latina a esse patamar evolutivo de vanguarda mundial.

Um dos principais passos para se encaminhar a esse destino era o de se realizar iniciativas no âmbito da educação – devendo esta ser integral “desenvolvendo simultaneamente as energias físicas, morais e intelectuais (p.123)” – desde criança a até a juventude pois, “educar o homem significa colocá-lo em condições de ser útil à sociedade, adquirindo hábitos de trabalho inteligente, aplicáveis à produção econômica, científica, estética ou moral (p.123)”.

Dentro dessa visão, espaços educativos como o jardim de infância, a escola, a oficina, o ateneu, a Universidade, ganhavam um papel estratégico fundamental por serem identificados como locais privilegiados para se desenvolverem habilidades, aptidões, vocações, transformando “qualidades potenciais em capacidades efetivas”, podendo assim “centuplicar o valor social do homem”, além de também permitirem formar-se, desde pequeno, “o sentimento da responsabilidade social” através de uma “intensa vida cívica escolar (p.130)”, formando-se cidadãos!

O principal condutor da educação seria o mestre, devendo este ser vocacionado e exercer sua atividade com amor, isso porque, “a sociedade entrega a criança ao mestre, como o jardineiro a semente, para que nela germinem sentimentos e desta brotem flores. É preciso saber formar os canteiros humanos, regá-los, protegê-los, escorá-los, classificá-los, arrancando-lhes as mazelas, para que da escola desabroche, bela e louça, a mais admirável flor do universo: a – o homem (p.132).”

A educação deveria ser progressiva e acessível a todos (gratuita, inclusive, p.128 e 133), de acordo com suas habilidades, vocações e capacidades, “permitindo-lhes ascender (sic.) da educação infantil aos cimos mais elevados dos conhecimentos superiores (p.133)”, cultivando-se as mãos e a inteligência, o trabalho e a cultura, as artes e a ciência, o civismo.

O único critério para se ascender na educação seria o respeito às vocações naturais, uma vez que “o progresso coletivo começa na variação particular, que provém de diferenças iniciais ou adquiridas”, para isso “a infinidade de inclinações naturais deve ser conservada pela educação”, dessa forma “as aptidões efetivas poderão aperfeiçoar-se pela seleção natural (p.126)”. Por óbvio essa perspectiva negligenciava as condicionantes e as estruturantes formas de hierarquização social, racial, étnica, econômica que conformavam a história dos povos latinoamericanos.

Ou seja, Ingenieros concebe os horizontes de possibilidades educativas das crianças e jovens segundo critérios biologizantes⁵, demonstrando precisamente as influências de Darwin e Spencer em seu pensamento. O “progresso” na escala educacional dependia portanto de fatores “naturais”, e cada um, segundo “suas aptidões congênitas (p.127)”, seria estimulado a atingir aos estágios previamente identificados como adequados à sua capacidade. Assim, a educação “não pretenderá nivelar mentalmente os homens, mas aumentar a utilidade social das diferenças” (p. 127).

Um profissional será ressaltado como o habilitado a identificar e classificar “a desigualdade mental dos homens” (p.126), prescrevendo-se uma educação vocacional: o psicólogo e sua psicologia. A ciência aqui postulava um papel importante na condução e na produção de estamentos sociais a partir de “virtuais” “vocações naturais”, posto que ela formaria, no futuro, adultos mais adaptados às suas aptidões, colaborando assim com a evolução da humanidade e da América Latina. Importante lembrar que Ingenieros foi um dos introdutores da psicologia experimental na região.

Se a formação estaria conformada para permitir o progresso dos estudantes mais capacitados, a Universidade acolheria apenas os mais aptos e capazes na sociedade, tendo entretanto um poder de indução da vida social pelo alto grau de seu conhecimento. Por isso, ela deveria “converter-se numa entidade que coloque ao serviço de todos os mais altos resultados da ciência, ao mesmo tempo que coordene os esforços de investigação e imprima unidade aos ideais que renovam a consciência social (p.131)”.

Concebendo a capacidade dos jovens entre si, como hierarquicamente diferentes, o papel de “vanguarda”, caberia aos mais “aptos” exercer essa missão, uma vez que a “arte e as letras, a ciência e a filosofia, a moral e a política, devem seu progresso, exclusivamente ao espírito de rebeldia”, já que são os “rebeldes” são aqueles que “realizam obra fecunda e criadora (p.64)”, na evolução da humanidade, afirmava.

Apesar disso, Ingenieros não afasta uma chamada genérica à rebeldia dirigida à toda a juventude, não estando restrita apenas àquela mais “ilustrada”, dizendo que “juventude sem espírito de rebeldia, é servidão precoce (p.64)”. E, novamente nesse aspecto, ele retoma a idéia de diferenças entre juventude e velhice, para exaltar o papel que cabe aos seus jovens: “Cada nova geração contém germes de aperfeiçoamento moral; aí dos países em que os

⁵ Para Montserrat (1993, p.75), é “sugestivo relacionar” o “radical biologismo social con las ideas” de José Ingenieros, pois este concebe a sociologia como uma ciência natural traçando uma “síntesis entre ‘organicismo’ y el ‘economismo’ histórico”, além disso diz Ingenieros “una sociedade es un agregado biológico, pero no es un organismo” e “la economía política es una aplicación a la especie humana de leyes que rigen la lucha por la vida en todas las sociedades animales”.

velhos logram estrangular a juventude os ideais e as rebeldias que representam o presságio de renovação ulterior!(p.102)”.

Esses germes de aperfeiçoamento moral, para o autor, estavam pululando na América Latina, mas ele ainda acreditava ser necessário enfatizar a maneira pela qual a juventude da região poderia desencadear um processo evolutivo realizando o destino grandioso do novo mundo, que ainda estava apenas no âmbito da potência, da possibilidade.

Desse modo, reconhecer os vínculos simbólicos e políticos que ligam os indivíduos aos seus grupos, à sua nação e à humanidade, era indispensável pois, cada uma dessas esferas era relacionada à uma suposta possibilidade de constituição de uma solidariedade continental. Assim a ligação primária mais forte e vivida no plano da experiência mais imediata das pessoas era com seu grupo originário, já que “de todos os sentimentos humanos, nenhum é mais natural do que o amor pela aldeia, pelo vale ou pelo bairro em que vivemos os primeiros anos (p.151)”. Em síntese “o berço é a pátria do coração” (p.151).

Um segundo vínculo, um pouco mais abstrato, dizia respeito ao pertencimento a uma comunidade política (datada historicamente, é bom que se diga), o Estado Nacional que “supõem comunidade de origem, parentesco racial, ajuntamento histórico, semelhança de costumes e de crença, unidade de idioma, sujeição a um mesmo governo (p.155)”, exigindo ainda uma regência “pelas mesmas instituições”, e um sentimento de união por “forças morais que nascem da comunhão na vida civil (p.155).” Desse modo, “a nação é a pátria da vida civil” (p.155).

Cada povo, cada nação, faz parte, junto aos demais povos, da humanidade, deixando-se claro que, como entre os indivíduos, existem diferenças naturais, estágios evolutivos diversos. Assim, pensa Ingenieros, a América Latina, congregava povos, ainda que com peculiaridades necessárias de serem respeitadas, que precisavam de ter o seu espaço ativo, seu “posto avançado” na senda do progresso e das civilizações na humanidade.

Esse vínculo à humanidade tem como princípio o fato de que “cada povo é um elemento da Humanidade”, devendo a comunhão universal se fundar na “solidariedade feita de culturas heterogêneas (p.163)”. “A humanidade é a pátria do ideal (p.160)”, sentencia o autor. A solidariedade, que seria o liame de ligação entre os povos, se desenvolveria conforme estes atingissem elevações em seus ideais, e ampliassem suas capacidades de simpatia mútua, sentindo-se como “amigos ou irmãos (p.162)”.

A solidariedade mundial seria um plano a ser atingido, e deveria ser construído pelos “apóstolos” de hoje, que “começam a elaborar um sentimento humano espalhado por

horizontes cada vez mais dilatados (p.163)”. Essa solidariedade, entretanto, não se fundaria numa coesão plena de todas as nações num único concerto, mas sim na associação de nações em grupos com similitudes “evolutivas” compatíveis umas com as outras, formatando assim, dentro da grande comunhão mundial, sub- grupos, “confederando povos similares (p.164)”. O pressuposto desse nível de conjunção seria o de que a “solidariedade será natural, fundada em semelhanças de origem, de interesses, de idioma, de sentimentos, de costumes, de aspirações” (p. 164).

Ao pontuar esses elementos, pode-se imaginar que Ingenieros os selecionou como critério para a sua idealizada multiplicidade de “confederação de povos similares”, justamente porque pensava nos fatores possíveis de serem articulados numa justificativa de uma união latino-americana. Costume (hispano-americano), língua (espanhol), origem (colonização espanhola), aspirações e interesses (republicanismos), todos eles critérios instrumentais apontados pelo autor para exaltar o fato de que “nenhuma convergência parece mais natural do que a Federação dos povos da América Latina (p.165)”. Importa lembrar que houveram outros emuladores de uma suposta união dos povos da região, como por exemplo, o sempre lembrado Simón Bolívar!

Essa proposta se caracterizava por projetar ao devir, a um futuro breve, a formação de uma unidade nacional desde o “Rio Bravo até Magalhães”, dentro de uma conjuntura na qual os arranjos internacionais e as potências mundiais estavam em intenso processo de rearticulação no pós primeira guerra mundial, fundamentadas num expansionismo imperialista e capitalista, sendo que no continente americano os Estados Unidos da América procuravam, através da “oblíqua doutrina Monroe” (p.165), ampliar sua influência e intervenção.

Contra um imperialismo ameaçador, idéias e iniciativas estavam sendo formuladas e adotadas desde o fim do século XIX, na direção de se opor a tal situação e de construir e estreitar laços entre os povos da América Latina, ou pelo menos entre sua intelectualidade (ZANETTI, 1995, p.492, 493) (desde as décadas finais do século XIX), ou vanguardas sociais como os estudantes a favor de reformas universitárias (no fim da década de 1910 e no curso da década de 1920). Esses setores, principalmente a intelectualidade, estabeleceram conexões na região através de revistas, encontros internacionais, circulação de publicação e de pessoas, intercâmbios, da qual o próprio Ingenieros participava, resultando num ambiente já passível, quando da escritura do texto de “As Forças Morais”, de estar fortalecido enquanto “possibilidade histórica” capaz de que “se converta em ideal comum (p.165)” a efetivação da

confederação dos latino-americanos, baseada que estaria numa solidariedade e convergência de propósitos consolidadas através desse processo de entrelaçamento que estaria sendo solidificado no curso do século XIX e início do XX.

De qualquer forma, apesar de ser um ideal, essa união latino-americana e essa “nacionalidade continental” ainda não estava realizada concretamente. Nesse sentido, o autor convocava os atores considerados capazes de despender energia para movimentar o processo evolutivo da história: a juventude, a “Nova Geração”. Diz ele: “A Esperança de nos unirmos numa firme solidariedade, somente pode assentar sobre a Nova Geração se lograr ser tão nova por seu espírito como por seus anos (p.165)”.

Aos jovens latino-americanos, portanto, estimulados pelos movimentos de reforma universitária realizados em diversos países da região, é projetada a confiança e a “certeza” de se empenharem no progresso da civilização. Ao longo do livro, pede-se e induz-se quase que a uma profissão de fé no ideal do progresso. É a abnegação, a persistência, a ação em favor de um ideal transformador o que se afirma como dever ao verdadeiro jovem, portador do devir! A redenção futura, o auto-reconhecimento ou mesmo a louvação das gerações vindouras é o que se oferece como resposta à tal entrega realizada de corpo, alma e idéias. Diz-nos Ingenieros que, “A santidade é deste mundo; entram para ela os homens que merecem passar ao futuro como exemplos de uma humanidade perfeita (p.68).”

O plano que se exige para essa entrega do jovem às forças morais, à evolução da humanidade, à confederação latinoamericana, é o das idéias, o dos ideais. Deve se ter um ideal, uma idealização de como poderia ser o mundo, as coisas, o futuro. E, a esfera do ideal impulsiona, movimenta a vida juvenil, a conduta concreta sobre a realidade. A busca pelos ideais seria o motor do progresso, do desenvolvimento, da evolução. E esse motor seria a rebeldia! “A rebeldia é a mais alta disciplina do caráter; fortalecer a fé e ensina a sofrer, colocando num mundo ideal a recompensa” (p.62), nos diz Ingenieros complementando, “O sentimento da robustez [...] afugenta a dor e vence a covardia (p.68).”

Tal atitude garante a evolução pois, de acordo com o autor, “O destino dos povos floresce em mãos jovens que sabem sentir a ansiedade de benefícios vindouros (p.58).”

Induz-se os jovens a uma internalização de padrões de conduta, o autocontrole, a rebeldia, a disposição para o confronto aberto contra os dogmatismos, as tradições e os arcaísmos.

No Manifesto dos estudantes de Córdoba pela Reforma Universitária de 1918, o qual inspirou movimentos semelhantes na América Latina nos anos seguintes, encontramos brados,

vaticínios, linguagem, idéias, clamor à ação transformadora, entre outros caracteres, semelhantemente utilizados por José Ingenieros no seu idealismo e idéias evolucionistas e no seu chamamento da juventude à ação. Passamos a citar trechos desse Manifesto em que essa circulação de idéias se combina e mutuamente se reforça.

A chamada à ação juvenil e sua rebelião contra a tradição pode ser vista em frases como estas: “A rebeldia explode agora em Córdoba”; “A juventude vive sempre no espírito do heroísmo, é desinteressada, é pura; Não teve tempo ainda de se contaminar”; “A juventude já não pede” (FEDERAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE CÓRDOBA, 2008, s.p.)

A legitimidade de possíveis excessos de energia adaptadas contra as forças retrógradas na Universidade são justificadas pelos estudantes de Córdoba pois “As universidades chegaram a ser... o reflexo fiel...destas sociedades decadentes que se empenham em oferecer o triste espetáculo de uma imobilidade senil” (FEDERAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE CÓRDOBA, 2008, s.p.), e “Os atos de violência, dos quais nos responsabilizamos integralmente, se cumpriam como no exercício de simples idéias”, isso porque “As almas dos jovens devem ser movidas por forças espirituais” (Op.cit.). Uma dessas forças era a de identificar a educação de forma idealizada, uma vez que “Toda a educação é uma longa obra de amor aos que aprendem” (Op.cit.), a Universidade deveria realizar suas funções balizada por esse princípio, não o fazendo, justificam-se as atitudes juvenis ao exigir mudanças e avanços.

Os vínculos desse ímpeto dos jovens em favor de transformações foi por eles conectado a um processo continental, latino-americano, de modo a se enaltecer uma pretensa comunhão de propósitos e de iniciativas pelos povos da região. Os condutores disso seriam os próprios estudantes:

proclamamos bem alto o direito sagrado à insurreição[...], a única porta que nos resta aberta para a esperança é o destino heróico da juventude. O sacrifício é o nosso maior estímulo; a redenção espiritual das juventudes americanas, nossa única recompensa, pois sabemos que nossas verdades são – dolorosas – de todo o continente; estamos pisando em uma revolução, estamos vivendo uma hora americana (Op.cit.).

O reconhecimento de se estar fazendo história, de se estar movimentando o motor da evolução a partir de ideais, fez com que o manifesto da “juventude universitária de Córdoba” conclamasse aos “companheiros de toda a América” a “colaborar na construção da liberdade que se inicia” (Op.cit.).

As conseqüências das Reformas Universitárias na América Latina, apesar dos brados revolucionários, não atingiram o estágio de mudanças tão entusiastas quanto poderia se

depreender da ênfase e da eloquência constantes do livro “As Forças Morais”, ou mesmo do “Manifesto da Reforma Universitária”. De qualquer forma, ambos colocaram em circulação, não restrito ao grupo dos estudantes universitários, incitações à juventude em geral, a favor de um desprendimento, de um “heroísmo” e de ações datadas de “transcendência”, elementos convidativos a serem perseguidos, atribuindo-se um sentido “moral superior” a certas atitudes pró-ativas dos jovens e a um ímpeto explosivo diante da realidade (AGUILAR, 2006, p.1200)⁶. O destaque era atribuído aos mais ilustrados, aos mais capacitados. A estes caberia a idealização dos fatores a serem objeto de provocação social.

Todos esses elementos, e a difusão desse imaginário impulsivo aos jovens dessa geração, deve ser considerado quando das análises dos processos sociais e políticos que tiveram ocasião na América Latina nas décadas de 1910 em diante.

Um esquema de idealização da vida e da ação social estava em plena ebulição. O ideal era a própria vida, era a experiência, não se vivia o real, mas o potencial, ou melhor, a busca do potencial. Nessa dialética entre tradição e ideal transformador, o futuro viveria o necessário avanço, que novamente seria movimentado para um novo avanço.

O tempo seria ideal, não cronológico. A experiência nunca se bastava em si mesma, o presente era uma precariedade que cedia espaço para o aperfeiçoamento da humanidade permanentemente. A vida verdadeira seria aquela experienciada como ideal, não como passado, ou memória, ou presente. O futuro levaria à ação num presente. O presente não se bastava. O futuro seria o destino pois ele resguardava o avanço necessário, o progresso, a evolução. Ele virá, ele chegará sempre. Esta a verdade irretorquível para José Ingenieros. Alguns teriam o direito a serem lembrados por terem contribuído com sua energia ao progresso, como aqueles jovens que participaram em todos os tempos da luta pelo futuro, entre eles os rebeldes de 1918 e os jovens que realizariam a confraternidade latino-americana.

REFERÊNCIAS:

AGUILAR, Hugo Aboites. Universidades. In: **Enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe**. Rio de Janeiro, São Paulo: Boitempo, Alpac, Uerj, 2006, p. 1197-1205.
BELLA, Josef. **História da literatura hispano-americana**. 4a ed., ver. e ampl. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, Francisco Alves Editora, 2005.

HALE, Charles A. As idéias políticas e sociais na América Latina, 1870-1939. In: BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina, vol. IV: de 1870 a 1930**. – Trad.

⁶ Diz Aguillar (2006, p. 1200) que, “A maioria das demandas não se realizou... Teve, porém, um forte impacto no imaginário social dos movimentos universitários dos anos seguintes”.

Geraldo Gerson de Souza– São Paulo, Brasília: Edusp, Imprensa Oficial do Estado, Fundação Alexandre de Gusmão, 2001, p. 331-413.

FEDERAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE CÓRDOBA. **Manifesto liminar da reforma universitária**: a juventude Argentina de Córdoba aos homens livres da América do Sul. *Le Monde Diplomatique Brasil*, (Encarte Clacso Cadernos da América Latina IV) São Paulo, ano 1, n. 10, [s.p.], maio, 2008.

INGENIEROS, José. **As forças morais**: para a juventude da América Latina: desenvolver a justiça social no seio da nacionalidade continental. Trad. S. Montemor. Rio de Janeiro: Livraria Tupã Editora, [1928?].

MARIÁTEGUI, José Carlos. A reforma universitária. **Le Monde Diplomatique Brasil**, (Encarte Clacso Cadernos da América Latina IV) São Paulo, ano 1, n. 10, [s.p.], maio, 2008.

MONTSERRAT, Marcelo. *Ciencia, historia y sociedad en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1993.

OVIDO, José Miguel. **Breve historia del ensayo hispanoamericano**. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

ROMERO, Luis Alberto. **História contemporânea da Argentina**. Trad. Edmundo Barreiros – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ROMERO, José Luis. **América Latina**: As cidades e as idéias. – Trad. Bella Josef. – Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2004.

TARCUS, Horacio. Ingenieros, José. In: **Diccionario biográfico de las izquierdas latinoamericanas**. Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas. Montevideo, Uruguay: Cedinci, 2020. Disponível em: <<http://diccionario.cedinci.org>> Acesso em 20/04/2022.

ZANETTI, Susana. Modernidad y religación: una perspectiva continental (1880-1916). In: PIZARRO, Ana (org). **América Latina**: palavra, literatura e cultura. Emancipação do discurso. Vol.2, São Paulo, Campinas: Memorial da América Latina, Unicamp, 1995, p. 489-534.

Enviado: 08 de janeiro 2023

Aprovado: 10 de junho de 2023